



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Graduação em Biblioteconomia

A relação entre mulheres e livros no contexto do Circuito da Informação de Robert Darnton: algumas considerações

Ana Letícia Neves Mendes da Costa
Orientação: Profa. Dra. Greyciane Souza Lins

Brasília
2024

Ana Letícia Neves Mendes da Costa

Considerações da relação entre as mulheres no Circuito da Informação de Robert Darnton e os livros

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientação: Prof. Dra. Greyciane Souza Lins

Brasília

2024

C837c Costa, Ana Letícia Neves Mendes da.

Considerações da relação entre as mulheres no Circuito da Informação de Robert Darnton e os livros / Ana Letícia Neves Mendes da Costa; Orientadora: Dra Greyciane Souza Lins. – Brasília, 2024.

40 p.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2024.

1. História do Livro 2. Mulheres 3. Mulheres e livros 4. Análise de gênero I. Lins, Greyciane Souza, orient. II. Título.

CDU 028.02:396

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: A relação entre mulheres e livros no contexto do Circuito da Informação de Robert Darnton: algumas considerações

Autor(a): Ana Letícia Neves Mendes da Costa

Monografia apresentada em **21 de março de 2024** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Dra. Greyciane Souza Lins

Membro Interno (FCI/UnB): Dra. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque

Membro Externo (Biblioteca Nacional de Brasília): Dra. Mariana Giuberti Guedes Greenhalgh



Documento assinado eletronicamente por **Greyciane Souza Lins, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 19/09/2024, às 15:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 20/09/2024, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Giuberti Guedes Greenhalgh, Usuário Externo**, em 20/09/2024, às 13:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **11747114** e o código CRC **DEBCF44A**.

Referência: Processo nº 23106.088096/2024-22

SEI nº 11747114

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família, em especial meus pais e meus irmãos, por sempre acreditarem em minha capacidade e me darem todo o apoio em todo caminho que escolhi trilhar.

Aos amigos que conheci ao longo da graduação, tanto na Biblioteconomia quanto em outros cursos, foram todos indispensáveis para que meu aprendizado tenha sido fluido e diversificado.

Aos amigos mais próximos, onde citar cada um seria impossível, mas agradecimentos especiais são para Lara e Alícia, pela amizade de mais de uma década sendo inabaláveis e a "patotinha" por sempre aguentarem minhas ausências e me encherem de carinho ou de sermões, quando necessário.

À minha psicóloga Léia, que manteve meus pés no chão quando eu estive prestes a enlouquecer, com sua abordagem sempre carinhosa e cuidadosa, mesmo nos puxões de orelha.

Aos meus melhores amigos, Uriel, Lee e Marcelle, por serem rocha firme onde eu sempre posso me apoiar e fazerem com que eu continue dando meu melhor em tudo.

Por último, mas definitivamente não menos importante, meu maior agradecimento à Profa. Dra. Greyciane Lins, que vem me orientando desde a iniciação científica e sendo minha maior inspiração nesse meio, obrigada por não ter desistido da minha pesquisa, espero poder dar-lhe orgulho, apesar dos meus tropeços.

A todes meu muito obrigada, os amo em demasia.

"É literalmente impossível ser mulher. [...] É muito difícil! É muito contraditório e ninguém te dá uma medalha ou agradece! E acaba sendo que, não apenas você está fazendo tudo errado, mas também é tudo sua culpa. Estou tão cansada de ver como eu e todas as outras mulheres nos desdobramos para que as pessoas gostem de nós."

(Monólogo da personagem Glória (America Ferreira), no filme Barbie, 2023.

Tradução nossa.)

Resumo

O trabalho se propõe em, por meio de revisão bibliográfica, trazer na análise de gênero e estudo do livro, as formas que as mulheres se relacionam com o livro. Esta análise tem como base o Circuito da Informação de Robert Darnton para definir quais as relações a serem abordadas. Ao fazer uma análise histórica do feminismo e os empecilhos do acesso à cultura e educação foi possível demarcar a visão pela qual o restante do trabalho seria abordado. A análise de leitoras, autoras e editoras é intrinsecamente interligada, sendo em partes repetitivo, especialmente pela escassez de material disponível para o estudo. É evidente o quanto além da questão do gênero, a classe social também refletiu e reflete muito como uma pessoa se relaciona com a educação e os livros. Conclui-se que apesar das mudanças vistas com a evolução das sociedades, ainda temos muito a assistir a mudança e que o futuro dessa área de pesquisa reside na expectativa e esperança em que venham mais pesquisadoras para desvendarmos as histórias ainda não descobertas.

Palavras-chave: História do livro, Mulheres e livros, Análise de gênero, Mulheres e cultura.

Abstract

The present work proposes, through a bibliographical review, to bring into gender analysis and book study the ways in which women relate to the book, using Robert Darnton's Information Circuit as a basis to define which relationships should be addressed. By carrying out a historical analysis of feminism and the obstacles to access to culture and education, it was possible to demarcate the vision through which the rest of the work would be approached. The analysis of readers, authors and publishers is intrinsically interconnected, and is sometimes repetitive, especially due to the scarcity of material available for study. It is evident that beyond the issue of gender, social class also reflected and still reflects a lot on how a person relates to education and books. It is concluded that despite the changes seen with the evolution of societies, we still have a lot to see change and that the future of this area of research lies in the expectation and hope that more researchers will come to uncover the stories that have not yet been discovered.

Key-words: Book history, Women and books, Gender analysis, Women and culture.

Lista de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Circuito da informação..... | 13 |
| Figura 2 - Página inicial da base de dados..... | 14 |
| Figura 3 - Visão de um item na base..... | 15 |
| Figura 4 - Simone de Beauvoir, principal nome na história do feminismo..... | 16 |
| Figura 5 - Contraste da família..... | 19 |
| Figura 6 - Eleitoras do Rio Grande do Norte em 1928..... | 21 |
| Figura 7 - O complexo de Madonna/Prostituta..... | 23 |
| Figura 8 - Júlia Lopes de Almeida..... | 24 |
| Figura 9 - Revista Feminina..... | 26 |
| Figura 10 - Biblioteca Pública do Amazonas, inaugurada em 19 de março de 1871..... | 28 |
| Figura 11 - Além de escrever, elas também tinham o costume de pintar..... | 29 |
| Figura 12 - O livro de Margery Kempe..... | 31 |
| Figura 13 - Maria Firmina dos Reis..... | 33 |
| Figura 14 - Rose Marie Muraro..... | 34 |

Sumário

| | |
|---|----|
| Resumo..... | 6 |
| Abstract..... | 7 |
| Lista de Figuras..... | 8 |
| Sumário..... | 9 |
| 1 Introdução..... | 11 |
| 1.1 Carta-convite à leitura..... | 11 |
| 1.2 Objetivos..... | 12 |
| 1.2.1 Geral..... | 12 |
| 1.2.2 Específicos..... | 12 |
| 1.3 Problema da pesquisa..... | 12 |
| 1.4 Metodologia..... | 13 |
| 2 O recorte de gênero..... | 17 |
| 2.1 Conceitos históricos e sociais..... | 17 |
| 2.2 Acesso à educação e cultura..... | 19 |
| 3 Mulheres e livros..... | 23 |
| 3.1 Representação feminina..... | 23 |
| 3.2 Leitoras..... | 25 |
| 3.3 Autoras..... | 29 |
| 3.4 Editoras..... | 33 |
| 4 Expectativas e projetos para as mulheres e os livros..... | 36 |
| Referências..... | 37 |

1 Introdução

1.1 Carta-convite à leitura

Caras leitoras deste trabalho,

Aqui me proponho a explicar a escolha desta temática para a montagem da monografia de término do curso de Biblioteconomia.

Desde o início da graduação muito me atraiu a ideia de fazer um recorte de gênero ao fazer meus estudos.

Creio que a socialização como uma mulher acabou tornando algo que, independente da classe social, etnia, idade ou nacionalidade, é permeada por pressões estéticas, de como se portar, como falar, como pensar, o que fazer, tendo poucas exceções por aí das expectativas do que é o “ser mulher”.

E, de fato, o que significa ser mulher? Não é uma pergunta que me proponho a responder, mas se você se identifica como uma, sugiro que reflita sobre, sem cair em uma ideia puramente focada em genitálias.

Apesar de vermos uma evolução quando nos atentamos à presença de mulheres em profissões ou *hobbies* vistos como masculinos, ainda existe muita misoginia internalizada nas ideias de que valemos menos, que nos é reservado apenas o papel de educadoras, de cuidadoras, sempre benevolentes e educadas, devendo falar baixo e se portar como uma dama.

E não há nada de errado nas que querem ser assim! Eu acredito num feminismo que, além da equidade e igualdade de direitos e oportunidades, prega a liberdade de escolha, onde sim, você pode seguir como uma dona de casa, com vários filhos, se isso te fizer feliz, mas que não precisa ficar presa a isso.

Assim sendo, refleti em como integrar essa visão e esse recorte ao estudo do livro, já que, ao longo da graduação, sempre me vi atraída em falar sobre o livro em si, entre as diversas formas de informação registrada e conhecimentos da Biblioteconomia.

Apesar de, normalmente, na história do livro nós falarmos principalmente sobre o livro como objeto de disseminação de informação, e eu também ser muito fã da materialidade do livro em si, também é importante conhecer as pessoas do livro, e assim eu pretendo averiguar mais sobre a conexão e a influência das mulheres com o livro: as mulheres que leem, que escrevem e as que editam, assim como as dificuldades que elas encontraram (e ainda encontram) na busca de informações.

Acho importante trazer uma luz nesse assunto, já que ainda é tão difícil viver sendo mulher, sempre sendo violentadas, perseguidas, mortas (com 16.949 casos de violência doméstica no ano de 2022 e 172 casos de feminicídio registrados desde 2015, ano de criação da lei, até 2023 na capital do país, segundo dados do Governo do Distrito Federal), tendo que desistir de carreiras (ou tê-las dificultadas) por ter que tomar o papel de cuidadoras, como visto na diminuição de produção científica feito por mulheres durante a pandemia da COVID-19, com o número expressivo de apenas 4,1% das mães pesquisadoras conseguirem manter o trabalho científico (Coutinho *et al*, 2020)

Apesar de, ao falar posteriormente sobre luta de gêneros e a história do feminismo, muito ser dito apenas sobre a dualidade entre o feminino e o masculino, não busco invisibilizar as vivências não-binárias. O mundo é muito mais completo do que apenas esses dois caminhos, mas não cabe neste momento me aprofundar nisto.

Espero que meu trabalho consiga ser um bom apanhado histórico, refletindo sempre o porquê de ainda existir tanta desigualdade e um apagamento da nossa parte da história, primeiramente fazendo um grande apanhado do histórico das ideias feministas e ver como o gênero feminino é moldado na sociedade; posteriormente perpassando pelas diferentes relações possíveis entre as mulheres e os livros, de forma a incentivar futuras pesquisadoras a se aprofundarem na sua própria história.

Sendo assim, veremos a seguir como foi conduzido este estudo.

1.2 Objetivos

1.2.1 Geral

Descrever aspectos da relação das mulheres com os livros, com base no Circuito da Informação de Robert Darnton.

1.2.2 Específicos

Demonstrar aspectos históricos do feminismo e da educação feminina;

Classificar alguns dos tipos de vínculos que as mulheres têm com os livros, usando como base o circuito da informação de Darnton;

Refletir sobre a relevância do recorte de gênero ao se falar e pesquisar sobre livros.

1.3 Problema da pesquisa

Como as mulheres, no Circuito da Informação de Darnton, vêm se relacionando com os livros ao longo da história?

1.4 Metodologia

Este trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa e descritiva, baseando-se unicamente em uma revisão bibliográfica que, segundo Antônio Carlos Gil,

[...] implica a análise das contribuições teóricas e das investigações empíricas já efetuadas nesse campo. Cabe ressaltar que a revisão da literatura não é constituída apenas por referências ou sínteses do relato de estudos, mas pela discussão crítica das obras citadas (Gil, 2019, p. 213).

Para definir o escopo da pesquisa, após definir que seria feito um recorte de gênero, foi necessário definir quais os recortes dentro da história do livro que seriam utilizados na pesquisa. A história do livro se trata, em partes, de compreender o processo de transmissão de ideias por meio da escrita e como a exposição dessas ideias afetaram (e afetam) a humanidade, em seus pensamentos e ações (Darnton, 2010, p. 190). Por ser uma área que abrange mais de 5 mil anos de história, ela influencia e intersecciona com avanços tecnológicos, revolucionários, crenças e práticas religiosas e comportamentos sociais (Raven, 2018)

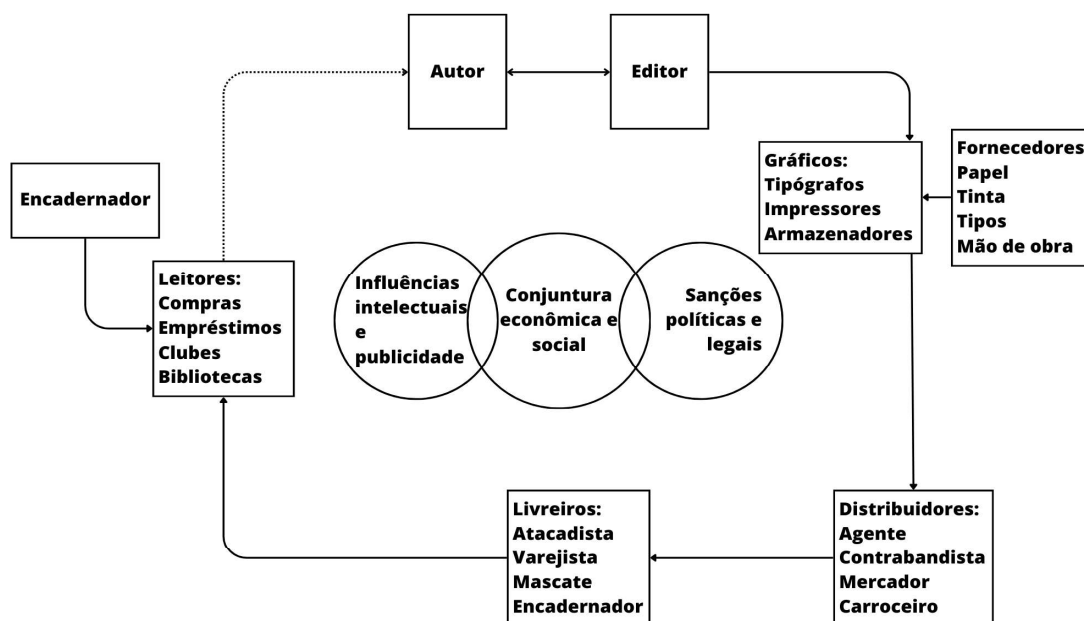
O chamado Circuito da Informação foi proposto por Darnton para analisar a forma que o livro impresso surge e se propaga, guiando e norteando a pesquisa da história do livro, já que:

A história do livro se interessa por cada fase desse processo e com o processo como um todo, em todas as suas variações ao longo do espaço e do tempo e em todas suas relações com outros sistemas — econômicos, sociais, políticos e culturais — no ambiente que o cerca (Darnton, 2010, p.194)

Apesar de concordar com o autor, foi necessário adaptar o circuito (que ele mesmo reconhece logo em seguida ser comum os historiadores do livro precisarem fazer), encontrando nele as etapas mais relevantes para este trabalho, pois existe um grande universo dentro de cada uma, sendo impossível retratar todas aqui.

Ao longo do trabalho, em especial no capítulo 3, são justificados a fundo os motivos para a escolha das autoras, editoras e leitoras, mas acredito serem pontos principais e norteadores no circuito. Mesmo que todos sejam fundamentais, foram os que as dinâmicas de gênero e da cultura podem ser mais bem entendidas e explicitadas.

Figura 1 - Circuito da Informação.



Fonte: Darnton, 2010, p. 195, adaptação da tradução nossa.

Michelle Levy (2014) traz em sua pesquisa justamente questionamentos sobre o Circuito da Informação Darnton e o que acontece ao sobrepôr o gênero nele, já que os estudos feministas, quando focados na história do livro, precisam ir além das noções básicas de publicações tradicionais, além dos gêneros comuns e também além do conceito de autoria solitária, tornando o circuito extremamente rígido quando enxergamos as sobreposições do envolvimento das mulheres em todas as etapas, em especial nas práticas informais de produção e circulação dos livros. A autora inclusive aponta que na cultura do manuscrito (principalmente entre os séculos XVII e XVIII) era ainda mais comum que as mulheres se envolvessem em todo o processo, como autoras, editoras, patronas e copistas.

Definido o que seria abordado, a próxima etapa da pesquisa foi a coleta bibliográfica, usando como principal base a “Women in Book History Bibliography — WBHB” (Bibliografia das Mulheres na História do Livro, tradução nossa), utilizando da ferramenta nativa de filtro de assunto para encontrar os artigos, livros e capítulos que mais seriam úteis.

A WBHB se trata de uma base de dados de informações secundárias lançada em 2016, tendo inicialmente 165 fontes, mas que atualmente conta com mais de 2.700, tendo como missão coletar dados sobre as pesquisas feitas por e sobre mulheres na história do livro, incluindo estudos de raça, pós-colonialismo, LGBTQ+ e sexualidade, com interseccionalidades em estudos literários, bibliográficos, catalográficos, entre outros. Os

editores da bibliografia: Cait Cooker, Kate Ozment e Bryan Tarpley buscam evoluir constantemente a base de dados, recebendo indicações de trabalhos e outros materiais que possam ser adicionados, estando em constante construção.

Para falantes de inglês a navegação é bastante intuitiva, e o uso de um tradutor no navegador pode ser de ajuda aos que não compreendem totalmente a língua inglesa. Nesta pesquisa foi utilizado o campo de filtragem por assunto, limitando o idioma dos resultados em inglês e português (este sendo mais difícil de encontrar resultados, mas ainda possível). Entre os assuntos filtrados, os principais foram de Autoria; Posse de livros; Vendedoras de livros e colecionadoras; Editoras e edições; Leitura. Não foram delimitados períodos de tempo ou áreas geográficas, pois esse trabalho se trata de um apanhado geral da história, buscando demonstrar um pouco de todos os aspectos encontrados.

Figura 2 - Página inicial da base de dados



Women in Book History Bibliography [Back to main site](#)

Filter by person, location, language, publisher, field, or period.

Search:


Export

| Title | People | Publisher | Language | Country | Field | Period |
|---|--|----------------------------|----------|-----------------|---|--|
| "...Alle the Bokes that I Hauve of Latyn, Englisch, and Frensch": Laywomen and their Books in Late Medieval England | Carol M. Meale (Author), Carol M. Meale (Editor) | Cambridge University Press | English | England, Europe | Libraries and Librarians, Reading | 12th Century (1100-1200 C.E.), 13th Century (1200-1300 C.E.), 14th Century (1300-1400 C.E.), 15th Century (1400-1500 C.E.) |
| "A Counterpart to the Ephesian Matron": Steele's "Inkle and Yarico" and a Feminist Critique of the Classics | Nicole Horejsi (Author) | | English | England, Europe | Reception History and Studies, Theoretical Approaches | 18th Century (1700-1800 C.E.) |

Fonte: Coker, Ozment e Tarpley. Acesso em: 09 out. 2023.

A visão dos itens nos dá apenas algumas informações, mas em sua maioria faltam links de acesso e número de DOI, no caso dos artigos, então parte da pesquisa também foi encontrar esses textos, o que várias vezes não foi possível.

Figura 3 - Visão de um item na base



Women in Book History Bibliography [Back to main site](#)

Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920) [From quill to press : women and reading in Brazil (1890-1920)]

| | |
|-------------------------|---|
| Author | Barbara Heller |
| Publisher | Porto de Idéias Press ("Port of Ideas" Press) |
| Publication Year | 2006 |
| Format(s) | Monograph |
| Field(s) | Reading |
| Location(s) | Brazil, South America |
| Period(s) | 20th Century (1900-2000 C.E.) |

[Back to Bibliography](#)

Fonte: Coker, Ozment e Tarpley. Acesso em: 09 out. 2023.

Quando possível, foram utilizadas as bases de livros online e o catálogo físico da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, que foi de grande ajuda ao acesso à bibliografia necessária, tendo em vista que grande parte dos periódicos não estão em acesso aberto.

Para complementar a pesquisa, em especial para o capítulo 2, onde são tratados aspectos históricos e sociais do feminismo, também foi feita a busca tradicional, com uso de termos relacionados e operadores booleanos no Google Scholar, JSTOR, Portal de Periódicos da CAPES, entre outros.

2 O recorte de gênero

2.1 Conceitos históricos e sociais

Assim como foi dito várias vezes anteriormente, não temos como falar das nossas mulheres com seus livros sem antes compreender a necessidade de fazer esse recorte, afinal, se as pessoas devem ser vistas como iguais, então porque reforçar diferenças?

Joan Scott (2016) aponta algumas críticas ao utilizar “gênero” como um termo ao falar desses estudos, acreditando ser problemático considerar as categorias “homem e mulher” como subjetivas, mutáveis e dependentes do contexto social que as pessoas estão inseridas. A autora afirma que “o uso do ‘gênero’ coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.” (Scott, 2016, p. 16) Entretanto, é justamente sob essa ótica de diferenças baseadas no social e num sistema coletivo que enxergo o funcionamento das diferenças de gênero e toda a problemática que nos traz até aqui, usando dos pensamentos de Simone de Beauvoir, ao afirmar “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. [...] é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (Beauvoir, 1967, p. 9) e “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; [...] A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo.” (Beauvoir 1970, p. 7 e 10).

Figura 4 - Simone de Beauvoir, principal nome na história do feminismo.



Fonte: Gabinete de Imprensa do Governo de Israel, 1967.

Bourdieu (2012) tenta encontrar lógica na delimitação da diferença dos gêneros unicamente à diferença biológica e anatômica das genitálias, fazendo conexões diretas entre a ereção masculina e a virilidade como formas de honra e potência sexual, sendo assim um “produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças.” (Bourdieu, 2012, p. 20-23). O autor também traz ao longo de seu texto interessantes ideias de como esse ideal de dominação masculina e constante busca da masculinidade e virilidade também afetam aos homens, o que nos ajuda a ver o quão nociva essa divisão é, sendo “uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.” (Bourdieu, 2012, p. 67)

Outra pessoa a dizer sobre a virilidade masculina e como ela é questionável e nociva é Beauvoir (1970, p. 19), ao demonstrar a fragilidade escondida em tanta pompa: “ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade. Os que não se intimidam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante.”. Ao longo do texto a autora também nos traz a dicotomia do que costuma ser a opinião dos homens sobre as diferenças de gênero, por vezes negando acreditarem numa inferioridade feminina, mas aos primeiros sinais de conflito: “exclama: ‘Sereis totalmente incapaz de ganhar tua vida sem mim’.” (Beauvoir, 1970, p. 20)

Também é surpreendente a forma intrínseca que as ideias do masculino como “norma” ou “superior” estão na sociedade, mesmo que “praticamente não se encontrem mitos justificativos da hierarquia sexual” (Bourdieu, 2012, p. 18). Caso nunca tenha percebido a forma que o gênero masculino é visto assim, o próprio autor mostra um exemplo: “Muitas vezes já se observou que, tanto na percepção social quanto na linguagem, o gênero masculino se mostra como algo não marcado, de certa forma neutro, ao contrário do feminino, que é explicitamente caracterizado.” (Bourdieu, 2012, p. 18)

Pontos de vista interessantes ao contrastar a luta de gêneros com a luta de classes são os da autora Zuleika Alambert (1986), ao mostrar que existe um combate social intrínseco entre dominado e dominante, cada vez mais intensificado ao que o capitalismo explora as classes sociais mais baixas e encontra lacunas, já que com o crescimento do Capitalismo Monopolista de Estado, “ganhou força o conceito de que o trabalho da mulher é um complemento do trabalho do marido e, portanto, pode ser menos remunerado.” (Alambert,

1986, p. 45). E aos poucos, com o crescimento do movimento feminista, em especial o europeu e após os efeitos da Comuna de Paris, insurreição popular de maio de 1871, caracterizada pela tomada de poder do governo francês por parte das massas populares, algo nada surpreendente acontece: “em dois meses de poder do proletariado, as mulheres verificaram na prática a idéia de que os homens — mesmo os mais ardentes revolucionários — não estão preparados para abandonar seus privilégios, adquiridos às custas do outro sexo” (Alambert, 1986, p. 43), o que é reforçado por Scott (2016, p. 17-18) ao dizer que o patriarcado e o capitalismo são sistemas distintos mas que se interagem, pondo as mulheres em estado de subserviência, com os ideais de família, do lar e da sexualidade sendo produtos da mudança dos modos de produção.

Desta forma conseguimos analisar as outras formas que o patriarcado impõe suas formas de dominação, com Naomi Wolf (2018) trazendo à tona a forma que o “mito da beleza” e suas imposições trazendo pânico com a ideia de envelhecer, de perder o controle e engordar, em deixar de ser desejada. É bastante claro como a pressão estética e a sensação de nunca estar sendo “boa o suficiente” permeia e corrói a mente de grande parte da população feminina, chegando a questionar suas habilidades, sua adequação na sociedade por simplesmente ser considerada fora de um padrão estipulado não apenas por uma dominação masculina, mas novamente também pelo capitalismo, afinal rapidamente a moda e o ideal se mudam com a rapidez da tecnologia e o medo de ficar para trás, como explicitado em:

‘restrição calórica prolongada e periódica’ resultava numa personalidade característica cujos traços são a ‘passividade, a ansiedade e a emotividade’. São esses traços, e não a magreza em si, que a cultura dominante deseja criar, no sentido pessoal de identidade das mulheres recém-liberadas, com o objetivo de erradicar os perigos dessa liberação. O progresso das mulheres começava a lhes dar as características opostas — autoestima em alto grau, um sentido de competência, atividade, coragem e clareza mental (Wolf, 2018, p. 214)

2.2 Acesso à educação e cultura

A autora Tama Starr (1993), em seu livro “A voz do dono: cinco mil anos de machismo e misoginia.” traz ideias gerais do que são as mulheres e quais são os seus males por meio de citações de ditados populares, autores renomados e pessoas públicas, com conexões comentários cheios de ironia e deboche. Existe um capítulo inteiro sobre o que não deveria ser ensinado às mulheres, afinal “[...] institucionalizar direitos iguais para as mulheres causaria inconveniências inaceitáveis para os homens” (Starr, 1993, p. 162), com vários dos ditos concordando com as ideias de Wolf citadas anteriormente, sendo desejada uma mulher

dócil, obediente, casta e em casa, assim como sempre acreditaram que deveria ser. Também entre as coisas que não se devem ensinar às mulheres, pela visão trazida por Starr (1993, p. 168-169), se vê a sagacidade, a boa oratória, a capacidade de pensar por si mesmas, diferentes línguas, só se é desejável o silêncio, a delicadeza, a submissão, a modéstia, afinal: “Considere-se o propósito da educação feminina ‘[...] é invariavelmente o de ser futura mãe’ Adolf Hitler, Minha Luta (1927)”

Podemos encontrar importantes informações sobre o início da educação e do ensino na época do Brasil Colônia no texto de Arilda Inês Miranda Ribeiro (2007), com demonstrativos históricos tristes e deprimentes, mas, como bem sabemos, nada surpreendentes em sua injustiça e desigualdade. Afinal, se era esperado das mulheres, em especial as indígenas nativas e, posteriormente, as escravas africanas, que seu corpo deveria apenas servir ao colono e miscigenar, em especial por meio de estupros. “Ao homem português era dado o direito de usufruir da vida de todos os habitantes da colônia (...) mulheres, filhos, crianças, escravos, terras, etc. Eram “bens” pertencentes ao poder dito na época “naturalmente” construído ao deleite do gênero masculino.” (Ribeiro, 2007, p.2).

Figura 5 - Contraste da família



Fonte: Senhora de algumas posses, Jean-Baptiste Debret, Rio de Janeiro, 1823, aquarela sobre papel, 16,2 cm x 23 cm.

Dessa forma violenta sem preocupação com as pessoas que aqui estavam, afinal o objetivo da colônia era apenas de extrair bens e enriquecer Portugal, não era de interesse educar os indígenas, apenas “pacificá-los” por meio da catequese para “salvar suas almas”. Até houve uma tentativa pelos padres de ensiná-los a ler e escrever para auxiliar as jovens mulheres em seus estudos religiosos, mas a Coroa negou a iniciativa, claramente preocupados com uma possível eventual revolta que o grau de consciência e instrução acarretaria. Em determinado momento os jesuítas se preocuparam com a forma que os portugueses se comportavam, não em respeito às mulheres constantemente violentadas, mas sim pelo o que significaria tamanha promiscuidade, chegando a ser pedido que fossem enviadas mulheres brancas de Portugal, “não importava sua condição social, sua inteligência, beleza, ou outros qualificativos. Importava que viessem ‘muitas e quaisquer delas’ para reproduzirem os filhos dos colonizadores, os verdadeiros mandatários da Colônia.” (Ribeiro, 2007, p. 14).

A educação não era de grande preocupação nem na Colônia, nem no Império, com as mulheres que desejavam ler e escrever eram designadas para conventos, lugares com funções econômicas e políticas naquele momento, não tendo preocupações verdadeiras em serem educacionais (Ribeiro, 2007, p. 22).

A instrução das mulheres foi evoluindo muito lentamente, mas chegamos ao ponto de, enquanto nos anos de 1920 a taxa de mulheres alfabetizadas era de apenas 20%, em 2022 podemos contar com apenas 5,4% das mulheres acima de 15 anos não sabendo ler e escrever no Brasil (Heller, 2006, p. 12; Instituto, 2023). Apesar das tentativas de “controle” do avanço educacional, e considerando que “a escolarização não é o único fator a determinar a forma como se processa a mobilidade social dos indivíduos, mas ainda é tida como um dos principais determinantes para o posicionamento socioeconômico dos indivíduos na hierarquização social” (Sotero, 2013, p. 48). O feminismo se mostra como uma avalanche de forças, mesmo com um aumento no conservadorismo assistido nos últimos anos, é possível ver cada vez mais mulheres conquistando seu espaço como membros ativos e igualitários da sociedade.

Figura 6 - Eleitoras do Rio Grande do Norte em 1928



Fonte: Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino/Arquivo Nacional

3 Mulheres e livros

3.1 Representação feminina

A representação se trata de mostrar e trazer à tona as características de uma realidade, mostrando o que faz parte da constituição daquele objeto a ser demonstrado, dando-lhe visibilidade e preservando aquelas ideias. No entanto, quem está responsável por aquela representação tem total poder do que será considerado válido ou inválido, o que deve ou não ser considerado relevante para aquela existência (Rossini, 2016; Schwantes, 2006).

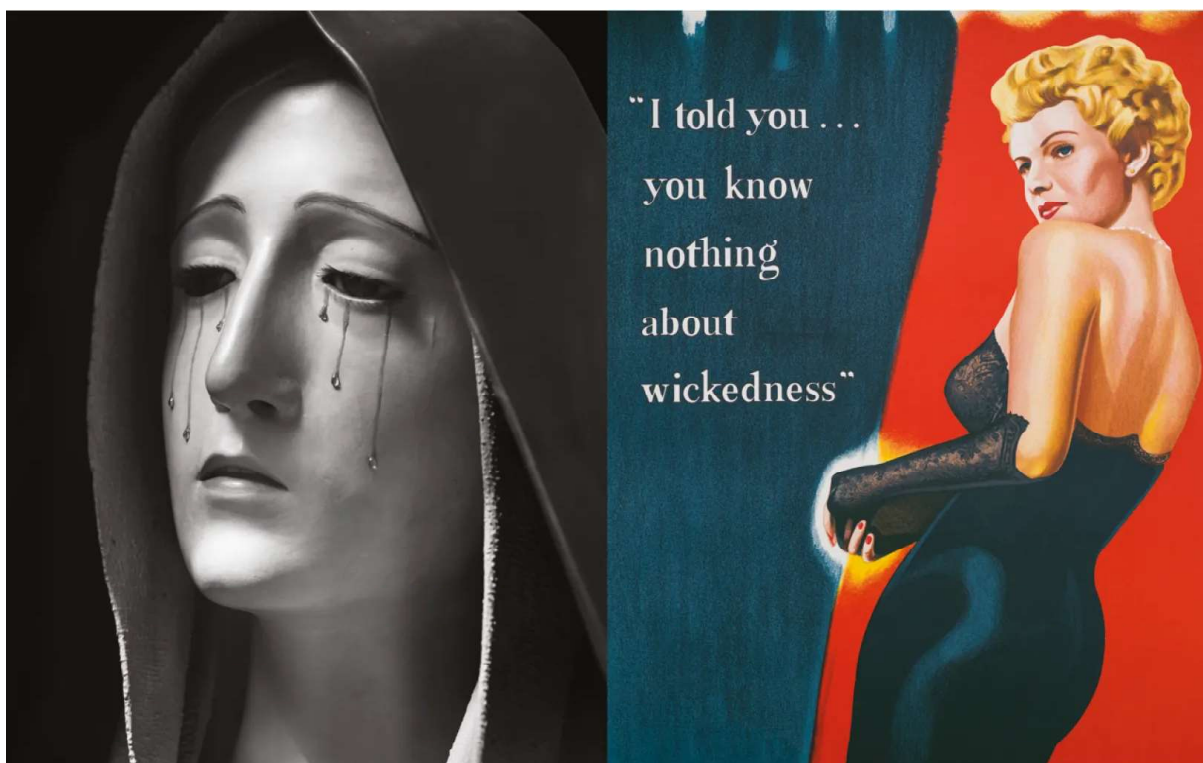
Bourdieu (2012, p. 135), apesar de falar sobre análises científicas, demonstra bem como a representação funciona, já que “ela pode reforçar simbolicamente a dominação, quando suas constatações parecerem retomar ou recortar o discurso dominante (...), ou contribuir para neutralizá-la, à maneira da divulgação de um segredo de Estado, favorecendo a mobilização das vítimas.”, e tal argumento é reforçado por Tayza Cristina Rossini (2016, p. 97; 99-101), ao afirmar que as ideologias dominantes, de homens brancos e da elite é o que ajuda a criar ideários identitários, onde o indivíduo passa a aceitar o discurso que lhe é imposto, já que enquanto o dominante conta a história e monta a representação do dominado, este se encontra silenciado, sem espaço e voz de resposta. Cíntia Schwantes (2006, p.7) também nos ajuda a refletir sobre a falta de formas para entendermos a representação:

Como ler a representação feminina dentro de um mundo patriarcal? Essa pergunta talvez pudesse ser respondida com mais exatidão se contássemos com uma representação feminina fora desse contexto. Todavia, como ainda não contamos com esse parâmetro de comparação, precisamos avançar cautelosamente, considerando as várias possibilidades que se apresentam.

Lúcia Osana Zolin (2009) também corrobora com os autores anteriores, ao afirmar que as representações variam e são determinadas pelos grupos ou classes que a edifica, com esse poder e dominação masculino, branco, de classe média-alta muitas vezes resumindo a identidade do ser representado em sua aparência, se voltando à dicotomia de um caráter nobre e elevado como o de Maria ou comparadas a Eva, a pecadora e sensual.

Sigmund Freud cunhou o termo “Complexo de Madonna/Prostituta”, onde descreve justamente a forma em que as mulheres são classificadas dentro do escopo de objetos típicos do desejo masculino. Ou são bem quistas, inocentes e cuidadoras: a Madonna, termo italiano para “Nossa Senhora”, ou são sexuais, violentas, sujas e não são dignas de serem vistas como iguais: a prostituta (Diniz, 2019)

Figura 7 - O complexo de Madonna/Prostituta



Fonte: The Idol, Wickedness. Heyert, Elizabeth, [20--?].

Uma característica vista em vários dos exemplos a serem citados é justamente a que Lúcia Helena (1989, p.46) traz e concorda com Bourdieu, ao acreditar que, por tanto tempo sob essa opressão, as mulheres também acabam por reforçar e doutrinar essas ideias que justamente as mantêm como subjugadas e subestimadas.

Mesmo assim, só de existir uma personagem feminina sendo criada por uma autora feminina, já é de se esperar uma narrativa subversiva, mesmo que nas entrelinhas, ao normalmente saírem da sombra de seus equivalentes, não sendo importante as expectativas postas por autores masculinos (Schwantes, 2006, p. 8-9). Para que uma protagonista feminina realmente demonstre uma trajetória de formação e que os leitores possam ver sua evolução, se faz necessário uma recusa da feminilidade imposta, recusando a ser dependente, fútil, irracional (Schwantes, 2006, p. 16)

Nas obras de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), uma mulher pertencente à alta burguesia, é facilmente encontrada essa dicotomia, embora em determinados momentos suas personagens sejam “avançadas” para a época, ainda reforçava as relações de submissão e do papéis domésticos ao longo de sua obra, como: mulheres podem sim ler, contanto que supervisionadas pelos maridos e sempre aprendendo as melhores formas de costurar e deixar

as roupas brancas, ou auxiliar uma amiga em seu divórcio, sem julgamentos, mas se colocarem na mesma situação de subserviência que havia antes (Helena, 1989; Heller, 2006).

Figura 8 - Júlia Lopes de Almeida



Fonte: Domínio Público/Arquivo Nacional, [20--?].

Quase um século depois de Júlia Lopes de Almeida, podemos nos deparar com uma fagulha se espalhando entre as autoras femininas e, conseqüentemente, sobre as protagonistas. No texto de Lúcia Helena somos apresentadas à várias obras contemporâneas entre si, todas de meados dos anos 1980: “A mulher no espelho”, de Helena Parente Cunha; “O último verão de Copacabana”, Sônia Coutinho; “Diana caçadora”, de Márcia Denser e “Às oito, em ponto”, de Maria Amélia Mello, que se mostram como obras com personagens femininas sem habilidade para as tarefas domésticas, que trabalham fora de casa, solteiras, de classe média, mostrando de forma implícita a insatisfação das autoras com a rigidez dos papéis de gênero e os deveres do lar, apesar disso, são mulheres que sofrem com a culpa de estarem sendo

dissidentes, vivendo na corda-bamba do que fazem e o que é esperado que fizessem (Helena, 1989, p. 47).

É aqui que as sobreposições de Levy (2014) passam a ser vistas. Ao analisarmos as representações femininas, vemos as leitoras; ao falarmos das leitoras, é indispensável adentrarmos as autoras; ao refletir sobre as autoras, nos esbarramos nas editoras, e vice-versa. O Circuito da Informação de Darnton já se trata de um ciclo de sobreposições, mas ao adicionarmos a camada de análise de gênero essas justaposições se tornam mais óbvias e, conseqüentemente, mais repetitivas.

3.2 *Leitoras*

Uma visão comum entre os autores é da explosão industrial e urbanística que veio ao fim dos anos 1890 e pôde ser vista até meados dos anos 1920, a conhecida *Belle Époque* Brasileira, recheada por influências socioeconômicas europeias, guerras e êxodo rural. A propaganda higienista do ideal de família feliz era sempre o mesmo, com grande ênfase no casamento como principal instituição das relações, com a mulher sendo a dona do lar, esposa e mãe ideal, submissa ao esposo e focada nos filhos. A iminência de conhecimento adquirido por meio da leitura era perigoso para esse novo ideário, as mulheres deveriam saber apenas o suficiente para educar seus filhos, mas não muito, para não criarem fagulhas revolucionárias; uma mulher muito competente na leitura era logo vista como uma má mãe, quase que exercendo nada além de vadiagem (Heller, 2006; Bortolanza, 2014; Miyoshi, 2015.)

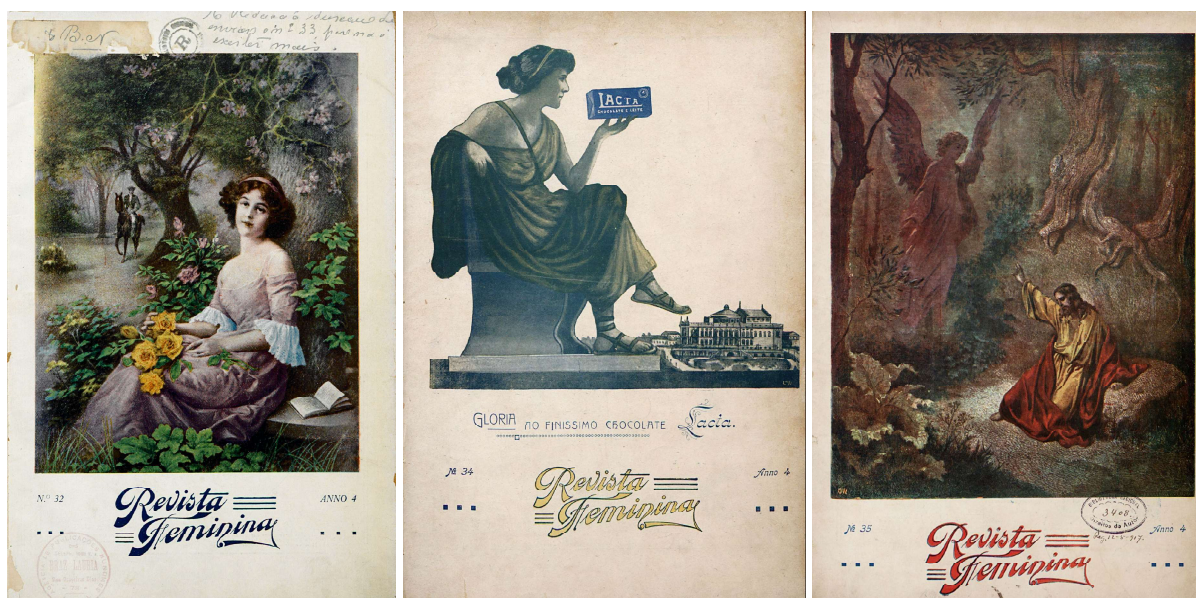
Na junção da escassez de dados sobre os hábitos de leitura femininos dessa época e o claro tabu ao se conversar sobre e demonstrar gosto pelos livros, podemos apenas inferir como era o funcionamento da leitura feminina dentro das casas (abastadas) brasileiras utilizando dos retratos literários e de pinturas dessa época.

Enquanto às brasileiras de origem mais abonada eram destinados os quartos de costura, os saraus e, eventualmente, pequenos passeios nas ruas da cidade, desde que acompanhadas por homens, fossem maridos, pai, irmãos; às mulheres mais pobres eram reservadas as fábricas, os balcões das lojas, o serviço doméstico, como visto no texto de Barbara Heller (2006, p.11-25), que também traz interessantes dados e análises do censo realizado em 1920, cujo demonstrava que apenas 20% das mulheres sabiam ler e escrever. No entanto esse é um dado que muito provavelmente foi subestimado, por poderem existir mulheres alfabetizadas não recenseadas, por residirem em bairros de difícil acesso, por não estarem em casa na hora, ou por lerem mas não escreverem. Também é possível de haverem formas informais de aprendizado da leitura e escrita, com suas mães, em casa, ou com

colegas, no trabalho, hipóteses trazidas pela autora ao se observar a uma aparente incoerência numérica nesses dados, já que houve um exponencial crescimento na imprensa feminina e não-feminina nos fins do século XIX e ao longo das primeiras décadas do século XX (Heller, 2005, p. 15-16).

Uma prova a favor dessa teoria foram os achados de Heller (2005) sobre a Revista Feminina, publicada em 1914, que teve um aumento de mais de 10 mil assinantes nos seus três primeiros anos. Além disso, nos periódicos da época, haviam anúncios de homens e mulheres de “boa caligrafia” que se dispunham a fazer trabalhos relacionados a isso, o que reforça a ideia de que algumas das menos privilegiadas também tinham algum acesso, mesmo que pouco, a formas de se alfabetizarem.

Figura 9 - Revista Feminina



Fonte: nºs 32, 34 e 35, de 1917/Biblioteca Nacional

Com os achados de Ana Bortolanza (2014) se é visto que a relação entre as mulheres e suas leituras se tratavam de algo a ser aproveitado de forma privada, em seus quartos, solitárias, por vezes lendo para seus filhos entre outras atividades tidas como femininas, como a costura e os bordados. Alexandra Pinheiro (2011) corrobora com essa avaliação ao lembrar que, além da solidão, ainda havia grande censura; como crianças necessitam de orientações dos mais velhos, as leituras femininas devem ser autorizadas e guiadas por “autoridades” masculinas, já que eram incapazes de compreender temas mais elaborados e sendo facilmente corruptíveis.

O ideal às brasileiras do século XIX as leituras recomendadas eram as amenas, delicadas, românticas: modelos para a formação das jovens ideais (Bortolanza, 2014)

Na pesquisa de Pinheiro (2011) é dito ser comum que as mulheres descrevessem suas histórias com a opressão em torno da leitura, escondendo folhetins e textos dentro de Bíblias para não serem incomodadas, algumas que tiveram seus trechos de leitura e escrita queimadas pelos maridos, retiradas das escolas ao se tornarem questionadoras, etc. Assim vemos como o ser mulher e buscar seu próprio espaço sempre necessitou de resistência e luta.

Como dito antes, a melhor forma de encontrarmos maneiras de compreender a leitura feminina é observando como as leitoras eram representadas, o que ajuda a confirmar os relatos de Pinheiro, abordagem também escolhida por Heller (2006), que nos trouxe as seguintes reflexões:

Nas peças teatrais “As doutoras” (1899), de França Júnior, e em “A mulher” (1907), de Coelho Neto, apesar de suas principais personagens femininas serem da elite intelectualizada, ainda eram refletidas as ideias de que a leitura era perigosa e facilmente desistiam de suas carreiras e estudos para darem a devida atenção à família, um hábito ruim e que realmente não deveria ter futuro.

Em “Correio da Roça” (1913), de Júlia Lopes de Almeida, a protagonista era “permitida” a ter seu próprio escritório e espaço de leitura e escrita, mas não escapava de ironias e julgamentos de seu marido.

Já em “O Livro das Noivas” (1896), apesar de ser uma obra mais antiga, e que servia como um manual dos bons costumes para as mulheres da burguesia, temos um exemplo mais à frente de seu tempo, onde uma das protagonistas, mesmo não tendo seu próprio escritório, é bem-vinda no de seu marido, não sendo um lugar proibido, na verdade o auxiliava a catalogar e organizar os livros, recebendo explicações do marido sobre as obras e importância dos autores escolhidos. Apesar de ser permitida a leitura, o homem é que determinava quais estavam sob a capacidade intelectual dela.

Júlia Lopes de Almeida é um bom exemplo de uma feminista de seu tempo, mostrando que as mulheres podem sim progredir em seus conhecimentos, contanto que não abrissem mão de suas funções domésticas, atrelando-as com as leituras, para que funcionassem como um meio para a mulher poder cumprir melhor seus múltiplos deveres, e não como um fim.

Existe uma grande lacuna a ser preenchida quando buscamos entender e investigar os hábitos de leitura das mulheres ao longo do tempo. Boa parte dos achados abordados neste capítulo são focados na *Belle Époque* brasileira, e mesmo assim são extremamente escassos, além de serem um retrato apenas da parte mais abastada da sociedade, que já via a leitura

como um hábito questionável, é de se refletir que as mulheres trabalhadoras, embora boa parte possa ter sido sim alfabetizada, não se dispunha de tempo ou grande interesse, ou apenas faltava incentivo em criarem tal gosto pela leitura, especialmente para o prazer.

Figura 10 - Biblioteca Pública do Amazonas, inaugurada em 19 de março de 1871



Fonte: Reprodução/Blogdorocha, 2009.

3.3 Autoras

Ao longo deste subcapítulo, por termos uma maior amostragem, conseguimos ver uma diversidade mais ampla de países e períodos históricos, onde cada cultura vai ter suas especificidades, mas também algumas similaridades.

Devido à necessidade de constantes viagens para os mais diversos fins, principalmente os de conhecimento e comércio, um gênero literário bastante comum entre os acadêmicos e oficiais chineses eram os relatos de viagem em poesia, comuns desde as eras Han e Wei-Jin (séculos II e III, respectivamente), enquanto a prosa de viagem, ou youji, teve maior crescimento a partir do século VIII, na era Tang. Esses relatos eram autobiográficos, com reflexões morais e intelectuais que surgiam nas mentes dos viajantes da época (Fong, 2008. p.85).

Pelas doutrinas Confucionistas, aos homens cabiam as funções sociais externas e às mulheres as funções dos círculos internos. Sendo assim, não era tão comum que as chinesas da época fossem “forçadas” a viajarem, cabiam a elas resolver as questões não apenas em sua família, mas também com a comunidade próxima, independente da classe social (Fong, 2008, p.85)

Isto é, até por volta do século XVII, por termos importantes suspeitas e provas de que elas começaram a participar dessas viagens, acompanhando seus maridos, irmãos, pais ou filhos em seus trabalhos longe de casa. Então logo elas passaram a também registrar suas experiências e curiosidades adquiridas na estrada (Fong, 2008, p.85-86).

Figura 11 - Além de escrever, elas também tinham o costume de pintar



Fonte: Acadêmicos no pavilhão, Li Yin, tinta em papel dourado, [16--?]

Indo na contramão dos hábitos europeus e brasileiros que vimos antes, junto do aumento da alfabetização feminina na China, muitos casamentos passaram a serem feitos visando a compatibilidade artística e intelectual do casal, com as esposas dando conselhos que eram bem-vindos pelos maridos (Fong, 2008, p.86).

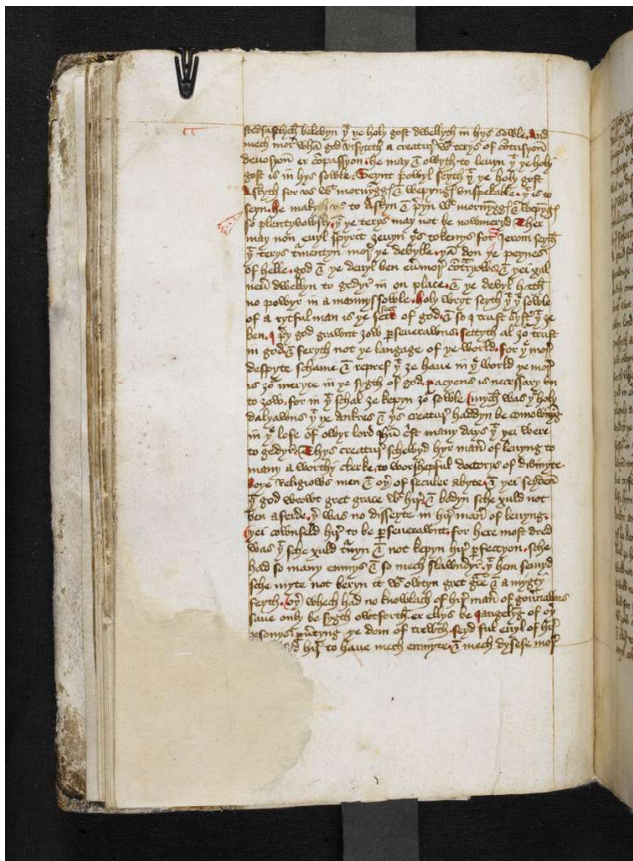
Alguns temas recorrentes desses escritos incluíam a melancolia, a saudade de casa, a admiração de novas paisagens, sempre num tom mais curioso e positivo do que era visto nas prosas e poesias masculinas. Elas relatavam que, com o hábito da escrita, passaram a ter visões mais críticas em suas leituras. E, apesar de que a alfabetização e a intelectualidade serem incentivadas, a escrita, por algum motivo, não eram tão bem vistas, então entre as chinesas também existiam o hábito de esconderem ou queimarem seus manuscritos, tendo que

viver num constante debate mental entre as barreiras sociais e psicológicas criadas (Fong, 2008. p.87-90;121-122).

Nas últimas décadas uma importante conquista tem sido o estudo e a recuperação de informações sobre as autoras da Idade Média, um trabalho difícil, por se fazer necessário destrinchar e redescobrir o que autoria significava na época, sendo um aspecto importante para conseguir distinguir as obras escritas por mulheres e as escritas por homens, sendo bastante comum que as obras de autoria feminina não tivessem apenas uma pessoa a ser creditada (Light, 2015, p. 86).

Apesar de existir um aumento nas obras manuscritas por mulheres a partir de um movimento reformista no século XV, elas sempre existiram, sendo no posto de autoras, copistas ou ilustradoras, desde o início da Idade Média, como Rosvita de Gandersheim (935-1002), considerada a primeira escritora e poetisa de origem germânica. Grande parte das mulheres envolvidas com manuscritos medievais eram as freiras, pelo envolvimento religioso prover maior investimento ao acesso não apenas a textos sagrados, como também os populares. Aqui temos o exemplo de Margery Kempe (1373-1438), mística católica anglicana, autora da primeira autobiografia de língua inglesa, onde narra suas experiências na Igreja e encontros com Deus (Light, 2015, p. 11, 22).

Figura 12 - O livro de Margery Kempe



Fonte: Único exemplar conhecido, MS 61823, Biblioteca Britânica, [20--?].

Dessa época ainda temos algumas mulheres leigas que se tornaram autoras por motivos além do compromisso religioso, como: Cristina de Pizano (1364-1430), considerada a primeira escritora profissional, que passou a escrever como forma de sustentar a família; Trotula de Salerno (1050-[11--]), primeira médica ginecologista, que escreveu livros sobre dores do parto, menstruações, entre outras questões; Duoda ([803]-[840]), autora de um manual de educação ao seu filho, entre outras (Light, 2015, p. 22, 87).

Um interessante fato encontrado na pesquisa de Gillian Dow (2011) é o de que nos séculos XVIII e XIX, na Europa, as escritoras femininas, principalmente da Inglaterra e França, tinham o costume de ler as obras umas das outras, dando ideias, traduzindo textos e buscando promover essa leitura a outras mulheres, criando uma rede de apoio apesar das marginalizações causadas pelos preconceitos ainda perdurantes de outras épocas.

Voltando ao Brasil e a já citada Revista Feminina, o periódico se trata de um fenômeno nas casas mais abastadas, apesar de não ser o único com o público feminino como alvo no século XIX, outros títulos são: A Família (1888), Álbum das Meninas (1898), A Voz

Maternal (1903), A Mensageira (1897), Jornal das Damas (1890) e O Chromo (1901) (Heller, 2005, p. 20).

Aqui foco em uma seção em específico da Revista, o Jardim Fechado, onde as leitoras enviavam correspondências, trocando receitas, poemas, conselhos, reflexões sociais, etc. Aos poucos o Jardim Fechado se tornou um espaço de colaboração literária, dando grande incentivo às assinantes para que enviassem seus próprios textos, poesias, crônicas, resenhas e análise de obras bem conhecidas. Era curioso como as mulheres enviavam seus textos e refletiam sobre o hábito da escrita, mas ainda carregavam consigo enormes dificuldades em ver aquilo como algo completamente correto. Afinal, ainda deveriam zelar pela família e manter os bons costumes para não serem consideradas más mulheres (Heller, 2005).

Juntamente de uma onda de emigração para a Itália nos anos 90, em sua maioria de pessoas africanas, surgem textos oriundos desses novos cidadãos, com o auxílio de escritores e jornalistas italianos, narrando suas histórias e experiências, textos esses que foram bem recebidos pelos locais, curiosos pelo que poderia ser dito por esses novos moradores. Numa segunda onda, já vinda da segunda geração de emigrantes, a presença de escritoras se torna bem maior, por terem uma comunidade majoritariamente feminina com anseios por serem vistas e representadas, falando da necessidade que viam em criar uma nova realidade nos espaços a serem explorados e conquistados por elas (Almeida, 2019).

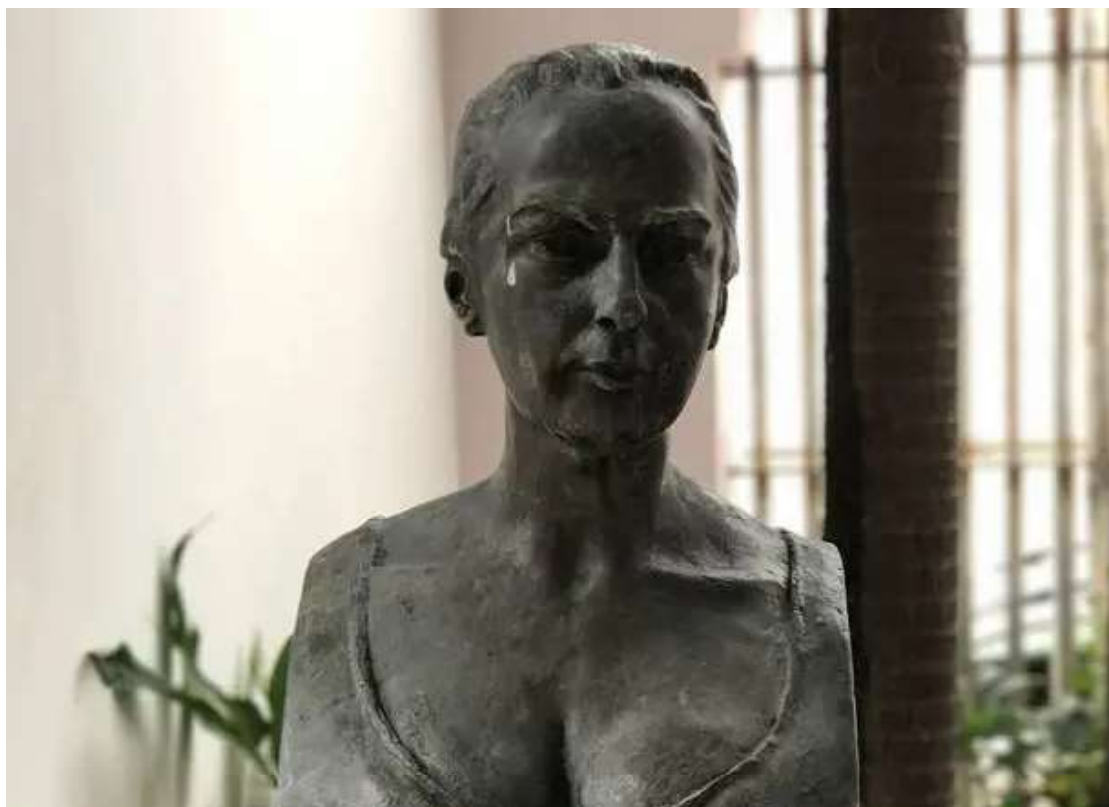
Ao analisar a autoria feminina nas últimas décadas, em especial as obras de ficção, é frequente a presença de questões do corpo, já que é indivisível a ligação entre a leitura do ser feminino na sociedade e como as diferenças desse corpo com a “norma” (ou seja, o masculino), portanto é comum vermos as escritoras tratarem de temáticas relacionadas, como menstruação, maternidade, aborto, amamentação, estupro, entre outros que botam o corpo feminino em evidência, temas não abordados por autores masculinos (Figueiredo, 2019).

E se tratando das partes mais violentas dessas experiências, vemos que existe certa catarse, um alívio, ao refletir e lembrar os momentos como forma de fechamento de ciclos, vendo que ao se silenciar aqueles traumas apenas tendem a se perdurar por não serem externalizados, cenário que se vê em grande mudança com as novas autoras cada vez mais dispostas a terem essa abordagem (Figueiredo, 2019).

Um exemplo de tal mudança é a literatura afro-feminina, que ressignifica narrativas ao trazer seu protesto, denúncia e resistência, com as personagens negras mostrando sua força na emancipação e autonomia femininas, buscando romper a hegemonia e supremacia masculina eurocêntrica, reclamando seu direito à fala, à manifestação, já que foram por muitas vezes silenciadas. Alguns principais nomes dessa caminhada são: Auta de Souza, Ruth Guimarães,

Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Roberta Estrela D'alva, entre tantas outras (Holanda *et al*, 2023).

Figura 13 - Maria Firmina dos Reis



Fonte: Busto da autora/Museu Artístico e Histórico do Maranhão [20--?]

3.4 Editoras

É nítido o quão recente é a pesquisa das mulheres no mercado editorial quando três dos cinco textos utilizados como base para a escrita deste subcapítulo são de 2020 e um de 2018. A principal pesquisadora da área, Ana Elisa Ribeiro, aponta inclusive a inexistência de obras narrando a história de mulheres na edição literária, o que poderia nos trazer à ideia errônea de que elas não existiram, mas felizmente temos a obra do pesquisador inglês Laurence Hallewell: “*O livro no Brasil: sua história*”, onde são encontrados alguns poucos nomes ligados à fundação ou gerência de editoras brasileiras, como Rose Marie Muraro, que fundou a Rosa dos Tempos em 1990. Mas na mesma década e esquecidas por Hallewell temos também a Editora Mulheres, de Zahidé Lupinacci Muzart e a Editora Boitempo, de Ivana Jinkings, ambas fundadas em 1995; a Editora Autêntica, fundada em 1997 por Rejane Dias, entre outras (Ribeiro, 2018, p.229)

Figura 14 - Rose Marie Muraro



Fonte: Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP/Reprodução [20--?]

Como apontado por Letícia Santana Gomes e Giani David Silva (2020), é possível que um dos motivos para o incentivo do mercado editorial mundial vinha numa fetichização e idealização da hegemonia francesa, com Paris sendo considerada a capital literária, o que levou alguns autores brasileiros a publicarem suas obras em francês com o objetivo de adentrar o mercado e expandi-lo no Brasil, principalmente depois da mudança da família Real para o Rio de Janeiro. Entre esses autores estão Joaquim Nabuco, Ventura García Calderón, Castro Alves, entre outros.

Coincidentemente, várias décadas depois temos a inauguração da Anacaona Edições em 2009 por Paula Anacaona, que tem seu foco em publicar na França livros de literatura brasileira, em sua maioria de origem marginalizada. Outras editoras independentes fundadas por mulheres e com foco em literatura marginal, de esquerda e com diversidade racial são: Mazza Edições (1981), de Maria Mazzarello e Marea Editorial (2003), de Constanza Brunet.

Se voltarmos um pouco à China, dessa vez no período moderno, vemos uma interessante visão que os editores e as editoras da época passaram a ter, em especial na dinastia Qing (1636-1912), de uma ligação indissolúvel entre a importância do investimento no ensino e na leitura femininas e o futuro da nação. Assim houve um aumento nas publicações de livros e jornais focados nas mulheres, as vendo como parte integral da sociedade. As editoras da época clamavam que o futuro da China dependia da igualdade entre a qualidade de vida e dos estudos delas, passando a ter grande influxo de artigos, traduções,

biografias e ficções sendo editadas e publicadas por mulheres e para as mulheres (Behan, 1975).

Felizmente, na realidade brasileira, vemos um crescimento nas feiras literárias e pequenas livrarias e editoras, em sua maioria com o foco em divulgar obras marginalizadas, utilizando do livro como forma de ferramenta política, enfrentando as estruturas sociais ainda patriarcais e misóginas. Apesar de ainda existir o silenciamento e apagamento não apenas das autoras mas também da história das editoras, a força contrária é cada vez maior, buscando trazer à tona e tentar reverter o memoricídio das mulheres (Ribeiro, 2020; Sales, 2020).

4 Expectativas e projetos para as mulheres e os livros

Buscar demonstrar a relação das mulheres com os livros não é um trabalho fácil de ser feito, pelas inúmeras minúcias que permeiam cada etapa do processo, em especial pelas claras tentativas de diminuir a importância da educação feminina ao longo da história, o que foi bem explicitado no primeiro capítulo em que defini todas as questões que surgem ao falarmos de gênero.

Apesar do modelo do Circuito da Informação de Robert Darnton ser um bom ponto de início para estudarmos as relações sociais oriundas da palavra impressa, é nítido o quanto a presença feminina imediatamente o torna simplista demais, considerando como é quase impossível uma mulher estar fixa em apenas uma ou duas etapas.

Apesar de todas as dificuldades que tentaram impôr sobre a educação feminina, é bem claro que o livro, em suas facetas (como objeto, para a leitura, para a escrita, etc), foi indispensável na história para que as mulheres encontrassem seu lugar na sociedade, sendo fundação importante para os avanços do feminismo, mesmo que por vezes as mulheres não coloquem propositalmente esse objetivo.

No ano de 2023 tivemos a Feira do Livro de Brasília com o tema “Mulheres a toda prosa”, a Semana Universitária 2023 da UnB com o tema “O futuro é feminino” e a redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com o tema “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”. Com isso é possível ter a esperança de que os problemas e as belezas da vivência feminina sejam cada vez mais abordadas e celebradas.

Com as novas vertentes do feminismo e o mercado atual, é importante que os estudiosos do livro fiquem de olho no crescente gênero de raiva feminina, ou *female rage*, cada vez mais relevante e bem-adorado no cinema e na literatura, tendo títulos como “Garota exemplar (*Gone Girl*)”, de Gillian Flynn (2012); “Minha irmã, a serial killer (*My sister, the serial killer*)”, de Oyinkan Braithwaite (2018); “Corpo desfeito”, de Jarid Arraes (2022); “A filha primitiva”, de Vanessa Passos (2022); entre outros, onde normalmente as personagens principais se revoltam contra situações de injustiça, misoginia e violência feitas contra elas ou alguma pessoa querida.

Acredito que o futuro da biblioteconomia, do estudo do livro e o estudo de gênero estão bem interligados e as novas gerações estarão cada vez mais propensas a estudarem e buscarem para tirarem essas vivências do anonimato.

Referências

- ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.
- ALMEIDA, Márcia de. Autoria feminina na literatura pós-colonial italiana: um projeto feminista. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BEHAN, Charlotte I. Feminism and nationalism in the Chinese women's press, 1902-1911. **Modern China**, Nova York, v. 1, n. 4, p. 379-416, 1975.
- BORTOLANZA, Ana Maria Esteves. Mulheres e leitoras: entre oralidade e escrita, espaços privados e públicos. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 417-439, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- COKER, Cait; OZMENT, Kate; TARPLEY, Bryan (ed.). **Women in Book History Bibliography**. Base de dados de fontes secundárias sobre mulheres na história do livro. Disponível em: <<https://womensbhd.web.illinois.edu/>>. Acesso em: 09 out. 2023.
- COUTINHO, Beatriz; MOMBELLI, Cecília; AGOPYAN, Kelly; TENCA, Laira; CORRÊA, Mariana. Por que a pandemia afasta mulheres da ciência: publicação de artigos por pesquisadoras caiu muito desde março, indicam pesquisas. Sobrecarregadas com trabalho de cuidado e sem incentivo, autoras vêm sido minoria em revistas científicas. Situação piora para negras e mães. **Outras palavras**, São Paulo, 3 out. 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/por-que-a-pandemia-afasta-mulheres-da-ciencia/>>. Acesso em: 27 ago 2023.
- DARNTON, Robert. O que é a história do livro? in: **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 189-219.
- DINIZ, Giovanna. O complexo de madonna/prostituta. 27 jun 2019. **Medium**. Disponível em: <https://medium.com/neworder/o-complexo-de-madonna-prostituta-4591e647cdba>. Acesso em 16 mar 2024.
- DOW, Gillian. Women readers in Europe: readers, writers, salonnières, 1750-1900. **Women's writing**, Londres, v. 18, n. 1, p. 1-14, 2011.
- FONG, Grace S. Authoring journeys: women on the road In: FONG, Grace S. **Herself an author: gender, agency and writing in Late Imperial China**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2008. p. 85-120.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Violência e sexualidade em romances de autoria feminina. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 32, p. 137-149, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/12872>. Acesso em: 09 out.

2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado da Segurança Pública. Subsecretaria de Gestão da Informação. Coordenação de Análise de Fenômenos de Segurança Pública. **Análise de Fenômenos de Segurança Pública nº 003**: crimes de violência doméstica. Distrito Federal: Secretaria de Estado da Segurança Pública, 18 jan. 2023.

Disponível em:

<https://www.ssp.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2023/03/Analise-FSP-003_2023-Violencia-Domestica-no-DF_-DF-jan_dez-2022.pdf>. Acesso em: 09 out. 2023.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado da Segurança Pública.

Monitoramento de Femicídios no Distrito Federal. Página com dados referentes ao crime de feminicídio no Distrito Federal. Disponível em:

<<https://femicidio.ssp.df.gov.br/extensions/feminicidio/feminicidio.html#1>>. Acesso em: 09 out. 2023.

HELLER, Barbara. Caras amigas, raras leitoras? A formação da mulher leitora no Brasil (1914/1936). **Rev. ANPOLL**, [s. l.], n. 18, p. 11-41, 2005.

HELLER, Barbara. **Da pena à prensa**: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920). São Paulo: Porto de Ideias, 2006.

HOLANDA, Priscilla Patrício de; SILVA, Anaiara Lourenço da; BARBOSA, Zuleide Aparecida Julião; ALVES, Maria Zenaide. O papel da literatura afro-feminina na educação racial de mulheres negras. In: Zago, Maria Cristina (org.) **As várias faces de Eva**: o feminino na contemporaneidade. v. 2. São Paulo: Científica digital, 2023 p. 228-238.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Educação 2022**: PNAD contínua. [S.l.]: IBGE, 2023. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102002_informativo.pdf. Acesso em 02 fev 2024.

LEVY, Michelle. Do women have a book history? **Studies in Romanticism**, Maryland, v. 53, n. 3, p.297-317, Outono 2014. DOI: <https://doi.org/10.1353/srm.2014.0001>. Acesso em: 09 nov 2023.

LIGHT, Laura. **Women and the book**: in the middle ages and the renaissance. Nova Iorque: Les enluminures, 2015.

MIYOSHI, Simone Cléa dos Santos. **Mulheres leitoras**: representações iconográficas na pintura de Almeida Júnior (1890-1900). 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação, Uberlândia, 2015.

PINHEIRO, Alexandra Santos. Mulheres e leitura: entre regras sociais e escolhas pessoais. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados, v. 1, n. 2, p. 62-76, 2011.

RAVEN, James. **What is the history of the book?** Cambridge: Polity, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. O apagamento das mulheres editoras. **Itinerários**, Araraquara, n. 47, p. 229-232, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Subnarradas**: mulheres que editam. Rio de Janeiro: Zazie, 2020.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Mulheres e educação no Brasil-Colônia**: histórias entrecruzadas. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil", Faculdade de Educação da Unicamp, 2007. Disponível em: https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/arilda_ines_miranda_ribeiro2_artigo_0.pdf. Acesso em: 09 nov 2023.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. A construção do feminino na literatura: representando a diferença. **Trem de Letras**, v. 3, n. 1, p. 97-111, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/459>. Acesso em: 09 nov 2023

SALES, Karina Lima. Miradas femininas: reflexões sobre a atuação de editoras independentes geridas por mulheres no Brasil. **Linguagem em (Re)vista**, Niterói, v. 15, n. 30, p.147-167, 2020.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. **OPSI**, Catalão, v. 6, p. 7-19, 2006. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/3734>. Acesso em: 09 nov 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica [Gender: A Useful Category of Historical Analysis]. Trad. Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. **Cadernos de História**, v. 11, n. 11, . Recife: UFPE, 2016, p. 9–39. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/leiturasfeministas/1osmuitosfeminismos.html>>. Acesso em: 30 ago 2023.

STARR, Tama. **A voz do dono**: cinco mil anos de machismo e misoginia. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, 2009.